

Um parágrafo das  
"Considerações  
extemporâneas"  
de Nietzsche

traduzido por  
Rubens Rodrigues Torres Filho

P RO Ê MIO

"DE RESTO, me é odioso tudo aquilo que apenas me instrui, sem aumentar minha atividade ou vivificá-la imediatamente." São palavras de Goethe, com as quais, como com um Ceterum censeo expresso do fundo do coração, pode ~~xxxx~~ principiar nossa consideração sobre o valor e o desvalor da História. Ou seja, nela deve ser exposto por que a instrução sem vivificação, porque o saber, junto ao qual a atividade se adormenta, por que a História com saboroso supérfluo e luxo de conhecimento, tem de ser-nos seriamente, segundo a palavra de ~~xxxx~~ Goethe, odiosa -- é porque ELA ainda nos falta da maneira mais necessária e pq o supérfluo é inimigo do ~~x~~ necessário. Certo, precisamos da História, mas precisamos dela de outro modo, à diferença de como precisa dela o ocioso mal acostumado passeando no jardim do saber, por mais que este olhe de cima, com desdém, para nosso carecimento rústico e desgracioso. Isto é, precisamos dela para a vida e o ato, não pra o cômodo desviar-nos da vida e do ato, ou mesmo para o proteger da vida egoísta e do ato covarde e ruim. Somente na medida em que a História serve a vida, queremos estar a serviço dela: mas há um grau de cultivar a História e uma estimativa dela, em que a vida se estiola e degenera: um fenômeno que agora pode ser tão necessário quanto é doloroso trazer agora à experiência em notáveis sintomas de nosso tempo.

x  
x  
x  
x

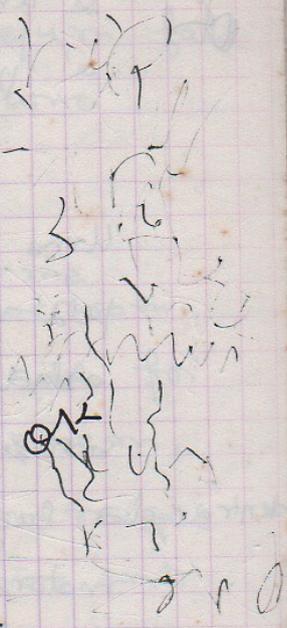
## Nota

O texto reproduzido na página anterior é a tradução do parágrafo inicial de “Sobre utilidade e inutilidade da história para a vida”, das *Considerações extemporâneas* de Nietzsche, vertido por Rubens Rodrigues Torres Filho. O parágrafo do “Proêmio” à Segunda Extemporânea não integrou a seleção de textos por Gérard Lebrun (Friedrich Nietzsche, *Obras incompletas*. São Paulo: Abril, 1974; reedição: São Paulo: editora 34, 2014). As palavras iniciais de Goethe citadas por Nietzsche se encontram numa carta a Schiller, de 19 de dezembro de 1798, e fazem parte de um comentário, elogioso, à *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, de Immanuel Kant. As páginas seguintes reproduzem dois manuscritos do tradutor: a página inicial do caderno de tradução de *Rua de mão única*, de Walter Benjamin, publicado nas *Obras escolhidas*, II, pela editora Brasiliense em 1987, e a página final do mesmo caderno, com o esboço de um poema a partir de *Ave, Palavra*, de Guimarães Rosa (ver do autor o poema “Senha” e “Anotação antiga”, em *Novolume*, editora Iluminuras, 1997). O leitor pode ter com isso um vislumbre do processo criador e tradutório do autor.

## RUA DE MÃO ÚNICA

WALTER BENJAMIN

Esta rua chama-se  
Rua Asij Facis  
em homenagem àquela que,  
na qualidade de ~~engenheira~~ engenheiro,  
a rasgou dentro do autor.



## POSTO DE GASOLINA

A construção de vida, no momento, está muito mais no poder de fatos que de convicções. E aliás de fatos tais, como quase nunca ainda e em parte nenhuma se tornaram fundamentos de convicções. Nessas circunstâncias, a verdadeira atividade literária não pode ter a pretensão de desenvolver-se dentro de molduras literárias — isso, pelo contrário, é a expressão usual de sua infecundidade. A atuação literária significativa só pode instituir-se em rigorosa alternância de ~~agir~~ <sup>cultivar</sup> e escrever; tem de ~~exercitar~~ <sup>exercitar</sup> as formas ~~para~~ <sup>distintas</sup> ~~vistas~~ <sup>modestas</sup>, que correspondem melhor a sua influência em comunidades ativas que o pretensioso gesto universal do livro, em folhas volantes, brochuras, artigos de jornal e cartazes. Só essa linguagem de prontidão mostra-se atuante à altura do momento. As opiniões, para o aparelho gigante da vida social, são o que é o óleo para as máquinas: ninguém se posta diante de uma turbina e ~~inverte~~ <sup>inverte</sup> com óleo de máquina. Borrifa.

Abel Ribeiro

AS PAZALAVIA

— Abel Ribeiro — Gr. 1000

MELO ACASO



**Carlos Clémen**, relevo em papelão e madeira (2009)